



ARTIGO



Conceitos-afetos de gênero na formação inicial do curso de pedagogia

Wanderson William Fidalgo de Sousa, *Universidade Federal do Piauí*
Maria Dolores dos Santos Vieira, *Universidade Federal do Piauí*

Resumo. O texto é um recorte de um Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí realizado em 2022 e trata sobre a categoria de análise de gênero na formação inicial. O objetivo do trabalho é apresentar os conceitos-afetos de gênero gerados pelo grupo-pesquisador durante a produção de dados/sentidos, utilizando o dispositivo mural-do-gênero. O trabalho adota a Sociopoética como método, o que possibilita a compreensão da pesquisa como um acontecimento poético (Petit, 2014). A fundamentação teórica é sustentada pelos estudos de Gauthier (2010, 2015) e Adad (2014), no campo metodológico, e por Louro (1997, 2018), Paraíso (2021) e Scott (1995), entre outras(os), no âmbito dos estudos de gênero. Como resultados, emergem conceitos-afetos mobilizados pelo grupo-pesquisador como: “*a dor da exclusão*”; “*discriminação que meu gênero sofre*”; “*you não pode brincar com este brinquedo*”; “*todos os nãos*”; “*menina bonita e educada*”. O estudo conclui que há necessidade de mais pesquisas e discussões na academia sobre a categoria de análise gênero na formação inicial e outras que se interseccionam a ela para que a formação docente esteja aberta para um formar mais humano e inclusivo.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Confetos. Formação Inicial.



De onde partimos...

Nosso ponto de partida é a formação inicial de jovens do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí (UFPI), com ênfase no ano de 2022. Escolhemos este contexto porque entendemos que a formação inicial de professoras e professores é fundamental para a valorização e o fortalecimento das vidas que constroem e atravessam o território educacional. A partir desse pressuposto, entendemos a formação inicial como um movimento capaz de potencializar o ser e o fazer humano da docência e discência na academia e na escola.

Com essas linhas tortas do pesquisar sociopoético tecemos este trabalho. São linhas coletivas e diversas, raças, territórios, religiões, sexualidades e, principalmente, linhas de gêneros, sendo essa, a linha fundante para o costurar/firmar este escrito. Nesse sentido, a categoria é ponto de partida para chegarmos ao nosso destino, pois almejamos uma educação da visibilidade dos corpos, frente aos obstáculos que, às vezes, são responsáveis pela invisibilidade e camuflagem da diferença e da diversidade.

Nesse contexto, o trabalho possibilitou ao ¹grupo-pesquisador, um dos princípios da Sociopoética, a (des)construção de conceitos-afetos de gênero, que atravessam seus corpos-territórios e seus lugares de pertencimento perpassados pelo gênero (Miranda, 2020). Dessa forma, nosso objetivo é apresentar os conceitos-afetos de gênero gerados pelo grupo-pesquisador durante a produção de dados/sentidos, utilizando o dispositivo mural-do-gênero.

O mural-do-gênero foi um dispositivo criado para aproximar-nos do pensamento do grupo-pesquisador através dos seus confetos. Esclarecemos que o conceito de dispositivo na pesquisa Sociopoética tem como inspiração os Círculos de Cultura da obra de Paulo Freire, nos quais os Círculos de Cultura tornam-se um dispositivo crítico de leitura do mundo. Assim, o desafio da Sociopoética é quebrar a noção de dispositivo marcado pelas relações de poder e saber como foi analisado por Michel Foucault (Gauthier, 2010). A autora, Adad (2014), apresenta o dispositivo como aquele que está no centro das possibilidades de analisar, de criticar e de autocriticar.

¹ Grupo-pesquisador é o coletivo da pesquisa, também chamadas/os de copeesquisadoras/es da pesquisa, pessoas que tecem, vive m e experimentam o pesquisar sociopoético, junto da(o) pesquisadora(o) acadêmica(o), aqui atuando como facilitadora(o) da pesquisa.



Ao nomear o dispositivo mural-do-gênero nos voltamos para o chão da escola, onde este território é cercado por murais-informativos com regras a serem seguidas dentro da instituição, regras destinadas a todas(o), e até mesmo regras de comportamentos e condutas que cada aluna(o) deverá seguir, ou seja, ela(e) deve andar na “linha” do que é instituído perante o certo e o errado. Assim, problematizamos: é possível dentro da escola e na prática docente tecer nossos próprios murais?

Os confetos produzidos pelo grupo-pesquisador respondem de diferentes formas a essa problematização. Mas, o que são os confetos? Tomamos como base o conceito de confeto utilizado na abordagem Sociopoética, que é o neologismo de conceito+afeto, que são as misturas íntimas de afeto, razão, intuição, gestualidade e imaginação do grupo-pesquisador (Adad, 2014). Dessa forma, os conceitos-afetos de gênero, neste trabalho, representam as experiências que atravessam e mobilizam o grupo-pesquisador tanto de maneira coletiva quanto individual, impactando sua formação docente e influenciando as práticas docentes de professoras(es) formadoras(es).

Desse modo, os desdobramentos da experiência sociopoética apresentarão os conceitos-afetos produzidos por jovens do Curso de Licenciatura em Pedagogia – UFPI em seus atravessamentos pessoais e coletivos que se fixam em suas peles, tornando-as duras e enrijecidas, ao passo, que são fissuradas pela abordagem Sociopoética como será pontuado e costurado ao longo deste texto.

Entre o certo e errado: apontamentos reflexivos sobre a categoria de análise gênero

Para compreendermos o gênero como categoria de análise histórica, reportamo-nos a Joan Scott (1995). Uma primeira noção é apresentada por essa autora nos aspectos normativos vinculados à feminilidade, ou seja, o termo inicialmente estabelece uma associação direta entre gênero, mulheres e o feminino. Nesse contexto, discutir acerca do gênero era, essencialmente, discutir sobre as mulheres. Além disso, o conceito implica determinações e limitações impostas aos corpos nas relações sociais, configurando-se em relações de poder.

Scott (1995), ainda enfatiza o termo como carregado pela construção social, uma vez que se tem reproduções adequando homens e mulheres em seus respectivos papéis sociais. De acordo com Scott (1995,



p. 85), o termo gênero “[...] faz parte da tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas para reivindicar um certo terreno de definição [...] para explicar [...] desigualdades entre as mulheres e os homens”. De modo geral podemos demarcar, segundo Scott (1995), o gênero com duas preposições, a primeira é constituída nas relações sociais baseadas na diferenciação entre o sexo biológico, e a segunda, como forma primária dando significado às relações de poder.

Para que possamos vislumbrar a relevância das discussões sobre gênero na educação é necessário pontuar que “[...] a escola é *atravessada pelos gêneros*; é impossível pensar sobre a instituição sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais de masculino e feminino” (Louro, 1997, p. 89). No processo de escolarização acontece uma pedagogização dos corpos, buscando uma formação linear dentro dos padrões de masculino/feminino, certo/errado, normal/anormal.

O afirmado pela autora exige que problematizemos a categoria de análise gênero, seguindo um corte histórico que considera o Movimento Feminista. Nesta linha de pensamento, Louro (1997), enfatiza a categoria ligada diretamente a ele. Assim, como salienta a referida autora, na virada do século XIX, que as manifestações contra a discriminação feminina ganharam força no chamado sufragismo, o movimento tinha como reivindicação direitos políticos, como o voto feminino e o direito de ser votada (Louro, 1997).

Nesse caminhar, a primeira onda do Movimento Feminista acabou por ser um movimento de mulheres brancas e de classe média, não inserindo outras mulheres, assegurando direitos políticos apenas à uma classe de mulheres: as brancas (Louro, 1997). Ainda sobre o sufragismo, Louro (1997, p. 15), diz que “seus objetivos mais imediatos (eventualmente acrescidos de reivindicações ligadas à organização da família, oportunidade de estudo ou acesso a determinadas profissões)”, pautava o interesse de mulheres brancas e de classe média, na busca de melhoria social, assim como os homens, excluindo, por exemplo, as mulheres negras.

Na década de 1960, o Movimento Feminista vive a sua segunda onda, que além das mobilizações sociais e políticas fomenta a construção das próprias teorias em torno da emergência do gênero (Louro, 1997). Nessa panorâmica, Louro (1997, p. 15), diz que “[...] a partir de então [...] será engendrado e problematizado o conceito de gênero”. A segunda



onda do Feminismo combateu o sexismo e outros mecanismos de opressão contra as mulheres, mulheres falando de suas dores, criando suas próprias teorias e inserindo-se em espaços acadêmicos.

Neste aspecto, os atravessamentos sobre a categoria de análise gênero tem surgimento no Ocidente com o Movimento Feminista (Louro, 1997). Olhando por essas frestas históricas, podemos afirmar que na atualidade vivemos a chamada terceira onda, com problematizações de cunho interseccional resultante do Feminismo Negro, visto que ele desfaz a ideia de um feminismo global e hegemônico de voz única (Akotirene, 2020). É importante salientarmos, que esse momento de efervescência social passou a problematizar o gênero em sua multiplicidade, além de trazer o masculino para o debate, pois as representações de feminino e masculino são múltiplas conforme os contextos (Louro, 1997).

Na esteira dessas ideias, a escola é vista como uma instituição social atravessada pelo gênero, uma vez que são produzidos neste ambiente corpos-escolarizados (Louro, 1997). Dessa forma, “gestos, movimentos, sentidos produzidos no espaço escolar e *incorporados* por meninos e meninas, tornam-se parte de seu corpo” (Louro, 1997, p. 61). Posto isso, esse corpo não tem uma jornada de autonomia, e sim, de produção do esperado para menina e menino, mulher e homem.

Por esse viés, pensar a categoria de análise gênero para além do binarismo é, sobretudo, ter uma perspectiva de subversão ao imposto socialmente a cada corpo. Nesta perspectiva, trabalhar com as relações de gênero em sua pluralidade é uma linha de fuga para uma realidade longe de ser uma camisa de força. Desse modo, com essas linhas de fuga, a educação deseja a formação que ensine a desaprendizagem dos conceitos de gênero que limitam e estereotipam as pessoas.

O fazer metodológico da pesquisa: pistas para um educar para/com a diferença e a diversidade

Metodologicamente somos inspiradas(o) pela Sociopoética, que é um método de pesquisa-ensino criado pelo filósofo e pedagogo Jacques Gauthier e fazemos esta escolha porque a Sociopoética incomoda o tradicionalismo presente em pesquisas acadêmicas. Ao escolhermos essa via buscamos a razão, a emoção, a intuição, a imaginação, a sensação, a experiência e a sensibilidade. Para que possamos compreender as



encruzilhadas da Sociopoética, devemos conhecer as cinco orientações básicas deste método de pesquisa e metodologia de ensino.

A primeira é sobre a instituição do grupo-pesquisador no qual cada participante é ativo dentro da pesquisa, além de interferir no devir da pesquisa. Quando o grupo-pesquisador é potencializado, a pesquisa já não é mais da(o) pesquisadora(o), e sim de todas(o) (Gauthier, 2010; Adad, 2014).

A segunda é sobre a valorização das culturas dominadas e de resistência, pois por meio delas é possível interpretar o mundo (Gauthier, 2010; Adad, 2014). A pesquisa Sociopoética reconhece corpos que estão à margem. Nesse direcionamento, esses grupos culturais sem legitimidade aos olhos da colonização, tornam-se no olhar da Sociopoética um corpo que produz, que sente, que experimenta, que compartilha e escuta sensivelmente.

A terceira é a capacidade criadora do corpo como dispositivo que pensa, conhece, pesquisa e aprende. Nas palavras de Gauthier (2010, p. 05), “muitos saberes não se expressam com palavras, por terem sido recalçados nos nossos músculos e nervos por opressões diversas ou por pertencerem à ordem do silêncio, do sagrado ou da dança”. O corpo é uma fonte de saberes ancestrais e quando este é potencializado seus saberes reprimidos são acessados.

A quarta é a valorização de técnicas artísticas para produção dos saberes, aqui a/o facilitadora/o coloca à prova a sua capacidade criadora, pois a técnica e o dispositivo utilizado têm capacidade de atravessar o grupo-pesquisador e dessa afetação surgem produções íntimas do grupo-pesquisador, tais produções carregadas de afeto, experiência e emoção.

A quinta é sobre a responsabilidade ética, política, noética e espiritual do grupo-pesquisador (Gauthier, 2010; Adad, 2014). À vista disso, podemos aprender e desaprender com a Sociopoética, podemos ser fixos ou corpos em movimento, para além disso, somos corpos coletivos no trilhar de uma pesquisa do estranhamento. Estranhar é produzir, desestabilizar, desordenar, é criar utilizando o corpo todo.

Oficina de negociação: nas encruzilhadas da pesquisa

O primeiro momento da pesquisa deu-se pelo convite a discentes do Curso de Pedagogia para uma oficina de negociação e,



posteriormente, a potencialização do grupo-pesquisador. Na oficina de negociação foi apresentado aos possíveis partícipes o tema-gerador de pesquisa, questão norteadora e objetivos. Nesse primeiro momento, buscamos uma aproximação entre possíveis co-pesquisadores(a) e pesquisa.

A oficina de negociação foi realizada em 19/03/2022, em uma Roda Sociopoética virtual utilizando a plataforma digital *Google Meet*. Nesse sentido, buscamos afetar e mobilizar as(o) partícipes sobre a proposta da pesquisa. A seguir descreveremos o momento de entrada na Roda Sociopoética virtual:

Figura 1: Captura de tela - a entrada na Roda Sociopoética Virtual



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2022.

Provocamos atravessamentos quando fizemos a apresentação do vídeo: “O desafio da Igualdade” (*link*: <https://youtu.be/o4u0UHEq2f4>). Após a exibição do vídeo, não foram realizados questionamentos a respeito do conteúdo apresentado, pois buscamos reflexões sem induções, mas caso alguém desejasse problematizar sobre o vídeo estávamos atentos para uma escuta sensível.

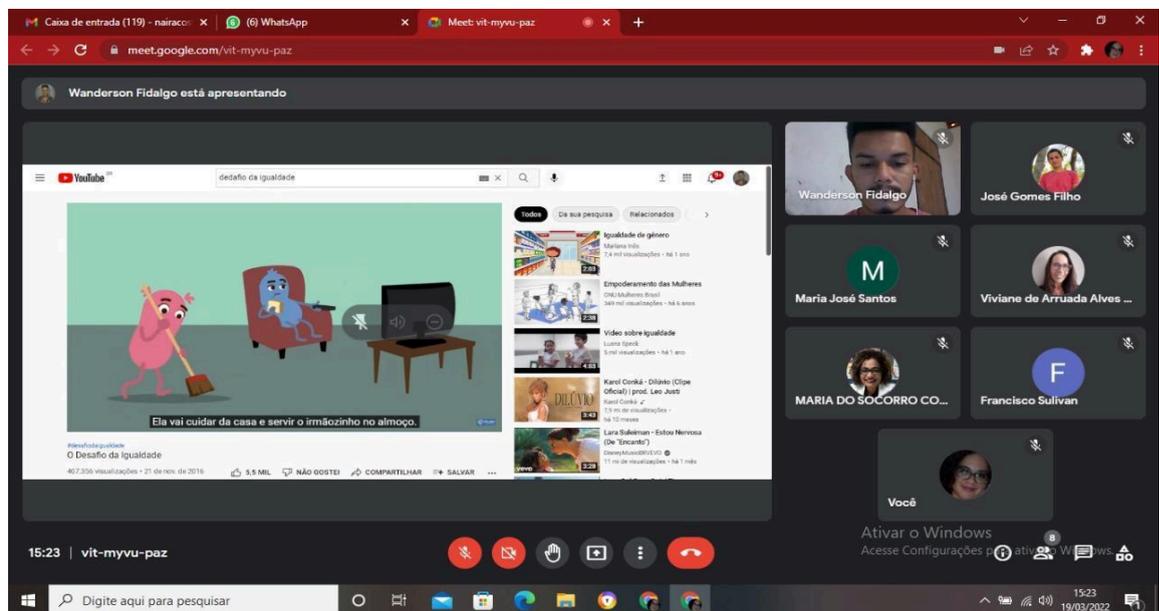
O vídeo exibido é uma animação com duração de 1 (minuto) e 51 (cinquenta e um segundos). Trata-se de uma campanha da (*Plan International Brasil*) que tem como pergunta-geradora: o que você pode fazer pela igualdade de gênero na infância?

O vídeo tem início com a apresentação de Ana e João, que são gêmeos e farão coisas juntos. No entanto, quando crescerem isso tudo irá



mudar. Ana vai sempre andar de rosa, porque ela é menina. E o quarto do João vai ser todo azul, cor de menino. Ana vai ganhar bonecas e fantasia de princesa, porque ela é menina. E o João vai ter um monte de carrinhos, porque ele é menino. Ela vai cuidar da casa e servir o irmão no almoço. Ele não vai ter essa obrigação, porque é coisa de menina. O importante é que ele seja bem sucedido. A Ana deverá estar sempre bonita e quando ela for trabalhar, ganhará menos do que ele [...]. Essa breve descrição-narrativa do vídeo pretende situar a leitora(o) sobre o contexto da discussão que o grupo-pesquisador desencadeou a partir dele. Na sequência apresentaremos uma das cenas exibidas do vídeo:

Figura 2: Captura da tela - a exibição do vídeo



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2022.

É importante destacar que a oficina de negociação não tem o objetivo de produzir dados, e sim, de ser um momento no qual o tema-gerador da pesquisa é negociado. Mesmo sem objetivo de produzir dados, o vídeo atravessou as(os) partícipes e dessa afetação tivemos o momento de fala e escuta sensível. Nesse contexto, acreditamos que as falas são potentes e não devemos suprimir e deixá-las esquecidas no tempo. Assim, registramos logo abaixo, os saberes que as(os) partícipes fecundam sobre a categoria de análise gênero e que deixaram emergir nessa oficina de negociação a partir da exibição do vídeo.



Fala 01: *“Me senti atravessada pelo vídeo. É importante perceber essa relação entre os gêneros. Homens têm uma educação machista e não podemos naturalizar”.*

Fala 02: *“Também me senti atravessada pelo vídeo. Fui criada com 4 homens e naturalizei os afazeres domésticos. O homem não poderia fazer certas coisas, porque não era ‘homem direito’. Sempre fui neutra em relação às cores, por exemplo, meus filhos(a) não usavam cores que eram vistas como de menino ou menina. Fui muito rebelde para fazer diferente. O machismo se sustenta na ideia de ver a mulher como louca”.*

Fala 03: *“A sociedade se solidificou, mas é possível fazer rupturas. As relações de gênero também são vistas nas relações homoafetivas. Podemos performar com o feminino. Por que negar o feminino, o feminino é potente. Homem e mulher são forças que se interconectam”.*

Fala 04: *“Construção que a sociedade solidificou. Por exemplo, eu gosto muito de usar havaianas e recentemente, lançou uma linha e elas são das cores do arco-íris, eu sempre vou ao mercado para poder comprá-las, mas na hora fico apenas olhando e sem coragem, por achar um calçado de mulher. Mas depois de hoje, vou comprar, sou um adulto”.*

Fala 05: *“Não fui educada aprendendo a fazer nada dentro de casa. Minha mãe era bem revolucionária. Não tive uma educação feminina, hoje estou com 50 anos e agora que estou aprendendo a cozinhar”.*

Nesse sentido, além de instituir o grupo-pesquisador na oficina de negociação, também foi possível escutar as angústias das(os) partícipes em formação inicial do Curso de Pedagogia. As falas relatam os desdobramentos vividos com base em seu gênero biológico e nos papéis sociais por elas(es) institucionalizados. Nas narrativas evidenciadas e compartilhadas recebemos as dores do grupo-pesquisador, já institucionalizado, e os seus anseios para uma educação potencializadora.

Oficina de produção de dados: o costurar do mural-do-gênero



A oficina de produção de dados foi realizada dia 02/04/2022, pela plataforma digital *Google Meet*. No momento do encontro compareceram cinco co-pesquisadores(a), pois dois não puderam participar deste momento por questões pessoais. Iniciamos a oficina com uma conversa rápida sobre o contexto no qual aconteceria a oficina de produção dos dados de forma remota em decorrência da pandemia de Covid-19. Esclarecemos que o fato de ser uma oficina *on-line* não quer dizer que o grupo-pesquisador não estivesse junto, ele estaria apenas distante, mas que a vivência iria promover práticas sociopoéticas.

Em seguida, foi solicitado ao grupo-pesquisador que se sentasse, retirasse os calçados e escolhesse um espaço agradável de onde estivesse. Sugerimos para quem quisesse e tivesse condições que massageasse as pernas, os pés, os braços, o pescoço e a cabeça. Em seguida foi solicitado para que fechasse os olhos e de olhos fechados imaginasse um mural, onde fosse possível escrever, desenhar o que quisesse sobre as relações de gênero. O que você deseja escrever? O que você deseja desenhar? Fique relaxada(o) e escute com calma, pois você vai fazer uma viagem imaginária ao lugar-mural-do-gênero.

Agora você vai fazer uma viagem imaginária ao lugar mural-do-gênero. Deitado ou sentado, de olhos fechados, procure relaxar, respire bem devagar, até sentir-se calmo. Agora imagine-se vendo o mural-do-gênero. De frente para esse mural-do-gênero você se sente incapaz, você quer passar por esse obstáculo. Como você se sente? Qual o lugar do mural-do-gênero? Como ele foi construído? O que está escrito e desenhado nele? Você olha para a mural-do-gênero e percebe que ele não tem início nem fim. Mas mesmo sem início e fim, você percebe que do outro lado existem outras possibilidades. Como des (construir) esse mural-do-gênero? Se você conseguiu des (construir) esse mural-do-gênero o que você usou? O que você sente ao perceber que des (construiu) o mural-do-gênero? Nesse momento você volta da viagem imaginária, começa a sentir seus braços, suas pernas, escuta sua respiração e vai acalmando seu corpo, abre os olhos e se reconecta com a roda.

Fonte: Criação do pesquisador.

Após o retorno da viagem imaginária, o pesquisador apresentou ao grupo-pesquisador o dispositivo mural-do-gênero, que foi construído através da ferramenta digital *on-line padlet*². Foi disponibilizado ao grupo-pesquisador o *link* de acesso ao mural-do-gênero

² O *Padlet* é uma ferramenta *on-line* que permite a criação de um mural ou quadro virtual dinâmico e interativo para registrar, guardar e compartilhar conteúdo multimídia. Funciona como uma folha de papel, onde se pode inserir qualquer tipo de conteúdo (texto, imagens, vídeos, hiperlinks) juntamente com outras pessoas. Com a mesma conta pode-se criar vários murais. Disponível em: <https://inovaeh.sead.ufscar.br/wp-content/uploads/2019/04/Tutorial-Padlet.pdf>. Acesso em: 23 de abril de 2022.



(<https://padlet.com/wandersonfidalgo33/n50wj4pur4je1zz3>). Para a construção do mural-do-gênero, foram repetidas as perguntas feitas durante a viagem imaginária e estipulado o tempo de cinco minutos para que fosse respondida cada pergunta lançada.

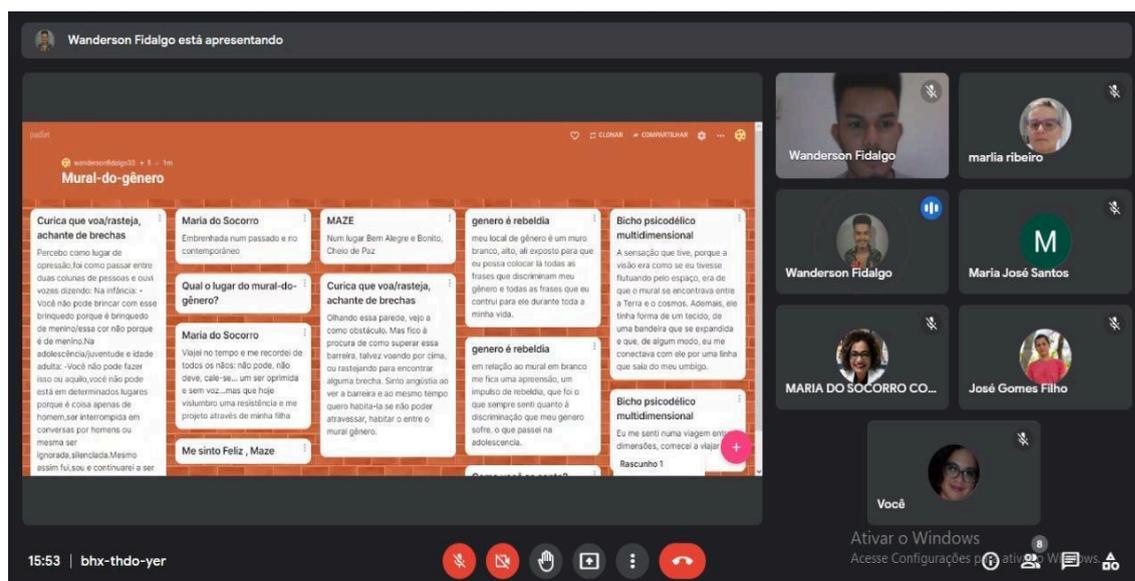
Na construção do mural-do-gênero, o grupo-pesquisador comparou o *padlet* com um rizoma, pois as ideias haviam se misturado e ninguém sabia seu ponto de partida. Nesse sentido, as ideias se tornaram uma só, dentro de um emaranhado de outras ideias que mobilizaram e afetaram o grupo-pesquisador.

Foi solicitado que o grupo-pesquisador criasse nomes fictícios, assim o grupo-pesquisador é composto por: *Bicho-psicodélico-multidimensional*, *Curica-que-voa-rasteja-achante-de-brechas*, *Gênero-é-rebeldia*, *Devir-futuro e Maria do Socorro*. Ao longo do trabalho, faremos uso destes nomes para identificarmos as(o) co-pesquisadoras(e).



Antes do momento de socialização dos afetos produzidos no mural-do-gênero, buscamos saber o que levou a escolha dos nomes pelo grupo-pesquisador. Quando perguntado sobre o bicho-psicodélico-multidimensional, o co-pesquisador falou sobre as várias possibilidades em um só, se ver na fala do outro, se ver no outro; sobre a curica-que-voa-rasteja-achante-de-brechas, a co-pesquisadora comunicou que curica é um apelido carinhoso recebido de uma grande amigo, que voa, rasteja, achante de brechas são fugas criadas para (des)construir e fugir do lugar mural-do-gênero; gênero-é-rebelde representa a força de viver em um processo de metamorfose, mas uma metamorfose sem fixidez, devir-futuro não quis falar sobre o nome escolhido e Maria do Socorro falou que usar seu próprio nome é demarcação de si em um território de opressão, machismo e exclusão. A seguir o momento de construção do mural-do-gênero:

Figura 4: Captura da Tela - Construção do mural-do-gênero.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2022.

À mostra as reflexões postas no mural-do-gênero pelo grupo-pesquisador, em uma seção posterior algumas ideias serão fundamentadas em autoras(es) para compreendermos os conceitos-afetos na formação inicial. As perguntas serão colocadas na ordem perguntada durante a viagem imaginária:

1. *Como você se sente?*



Bicho-psicodélico-multidimensional: *“Eu me senti numa viagem entre dimensões, comecei a viajar fora da Terra”.*

Curica-que-voa-rasteja-achante-de-brechas: *“Eu me senti primeiro uma criança que ao começar sua trajetória escolar ficou no canto da parede, olhando e chorando a dor da exclusão e depois a criança foi crescendo e achando buracos-brechas que lhe permitissem fugir do canto da parede e, ainda hoje, re-existe aos cantos de parede sem saída”.*

Gênero-é-rebeldia: *“Em relação ao mural em branco me fica uma apreensão, um impulso de rebeldia, que foi o que sempre senti quanto à discriminação que meu gênero sofre, o que passei na adolescência”.*

Devir-futuro: *“Me sinto feliz”.*

Maria do Socorro: *“Embrenhada no passado e no contemporâneo”.*

2. Qual o lugar do mural-do-gênero?

Bicho-psicodélico-multidimensional: *“A sensação que tive, porque a visão era como se eu estivesse flutuando pelo espaço, era de que o mural se encontrava entre a Terra e o cosmos. Ademais, ele tinha forma de um tecido, de uma bandeira que se expandia e que, de algum modo, eu me conectava com ele por uma linha que saía do meu umbigo”.*

Curica-que-voa-rasteja-achante-de-brechas: *“Percebo como lugar de opressão, foi como passar entre duas colunas de pessoas e ouvir vozes dizendo: Na infância, você não pode brincar com esse brinquedo, porque é brinquedo de menino/essa cor não, porque é de menino. Na adolescência/juventude e idade adulta, você não pode fazer isso ou aquilo, você não pode estar em determinados lugares, porque é coisa apenas de homem, ser interrompida em conversas por homens ou mesmo ser ignorada, silenciada. Mesmo assim fui, sou e continuarei a ser corpo de resistência até meu último suspiro”.*

Gênero-é-rebeldia: *“Meu local de gênero é um muro branco, alto, ali exposto para que eu possa colocar lá todas as frases que discriminam meu gênero e todas as frases que eu construí para ele durante toda a minha vida”.*

Devir-futuro: *“Num lugar bem alegre e bonito, cheio de paz”.*



Maria do Socorro: *“Viajei no tempo e me recordei de todos os nãos: não pode, não deve, cale-se... um ser oprimido e sem voz..., mas que hoje vislumbro uma resistência e me projeto através de minha filha”.*

3. Como ele foi construído?

Bicho-psicodélico-multidimensional: *“Não via descrições. Vi que era da cor branca cintilante. A sensação era que rogava por Paz, pois se esticava procurando recobrir a Terra com leveza e serenidade”.*

Curica-que-voa-rasteja-achante-de-brechas: *“Foi construído ao longo do tempo, nos lugares por onde passei, nas instituições e relações das quais fiz parte e as bases estão nas regularidades de contextos históricos variados, na cultura naturalizada e engolida de geração a geração sem ser questionada até um corpo dizer não, até dizer já chega eu quero falar, eu quero fazer, eu quero cantar o meu canto e não apenas reproduzir a música dos outros”.*

Gênero-é-rebeldia: *“Meu mural foi construído por obstáculos de não poder ser o que eu queria ser, não poder ocupar espaços que não me cabiam por conta de meu gênero, não poder falar, porque não era da minha conta, menina bonita e educada não fala certas palavras, não vai a certos lugares, não comenta alguns assuntos, tem que saber seu lugar. E o gênero rebeldia sempre resistiu, sempre se negou a ouvir o que a diminuía, o que reduzia a sua potência de existir”.*

Devir-futuro: *“Construído com muita força de vontade, determinação, sem medo do mundo, de novas descobertas, sem medo de ser FELIZ!!!”*

Maria do Socorro: *“Construída através de uma educação machista, repressora, excludente, num local de não existência”.*

4. O que está escrito e desenhado nele?

Bicho-psicodélico-multidimensional: *“Que preciso olhar para dentro de mim e me curar dos males que por muito tempo foram sendo introjetados em mim, principalmente, no que tange aos papéis atribuídos à mulher e ao homem na sociedade. É simplesmente entender que não há alturas nem profundidades entre nós. Somos seres em eterno aprendizado e, diante disso, é preciso mudar de pele, sempre!”*



Curica-que-voa-rasteja-achante-de-brechas: *“Para mim é uma processualidade, vou percorrendo o caminho da desconstrução e desconstruir ideias, valores, atitudes. Me faço morrer e nascer outra a cada dia, a cada descoberta, no aprender quem sou e com os outro (a)s, outres. E sinto vontade de partilhar dessa desconstrução no sentido de desconstruir outros corpos e para que vivam suas processualidades também, porque está vivo(a) não é apenas respirar”.*

Gênero-é-rebeldia: *“No meu mural estão escritas as frases negativas, frases tristes que diminuíram minha potência de vida por muitas vezes, e que agora eu as deixo lá, porque fizeram parte da minha construção, da minha rebeldia, mas também estão as minhas conquistas, as repetidas vezes que disse não ao preconceito, a novas frases de outras pessoas que também lutaram, que também foram rebeldes”.*

Devir-futuro: *“Você pode ser o que quiser, nunca deixe os outros decidirem o que deve ser, pois nunca será feliz se não for você mesma!!!”*

Maria do Socorro: *“Não foi possível ver descrições ou desenhos no mural-do-gênero”.*

5. *Como des(construir) esse mural-do- gênero? Se você conseguiu des(construir) esse mural-do-gênero , o que você usou?*

Bicho-psicodélico-multidimensional: *“Não consegui desconstruí-lo, pois a mim chegou com essa leveza de que, na realidade, ele necessitava ser visto para que a Paz e a harmonia pudessem se fazer presentes entre as pessoas. E para que possamos vê-lo, é preciso olhar primeiro para dentro de si, respeitando os nossos muitos nós, a fim de que, posteriormente, possamos respeitar e amar o nosso próximo, que é diverso e que em nós habita”.*

Curica-que-voa-rasteja-achante-de-brechas: *“A desconstrução está acontecendo. Usei/uso pitadas de leituras, colheres de discussões, xícaras de autoafirmação e medidas enormes de esperança por dias melhores”.*

Gênero-é-rebeldia: *“A desconstrução ocorreu durante minha caminhada. No início pensava ser uma coisa difícil, superar a discriminação o preconceito, à medida que fui caminhando, que fui aprendendo a lidar com pessoas preconceituosas, que fui conhecendo outras rebeldes e rebeldes pelo meu caminho, minhas possibilidades de*



superação e construção do que eu queria para mim foram aumentando, mas essa desconstrução/construção/desconstrução não para, não quero parar, não pretendo deixar morrer minha rebeldia”.

Devir-futuro: “Para desconstruir usar muito amor, compreensão e tentar sempre mostrar o nosso melhor, porque somos sempre fortes”.

Maria do Socorro: “Usei carinho e sensibilidade no acolhimento de todo processo. Acredito que somente através do autoconhecimento poderemos atravessar sem culpas, julgamentos e angústias nesse caminhar”.

6. O que você sente ao perceber que des(construiu) o mural-do-gênero?

Curica-que-voa-rasteja-achante-de-brechas: “Olhando essa parede, vejo-a como obstáculo. Mas fico à procura de como superar essa barreira, talvez voando por cima, ou rastejando para encontrar alguma brecha. Sinto angústia ao ver a barreira e ao mesmo tempo quero habitá-la não poder atravessar, habitar o entre o mural-do-gênero”.

Gênero-é-rebeldia: “Meu movimento de desconstrução/construção/desconstrução é sempre prazeroso, sempre a cada nova construção e desconstrução me sinto mais viva, mais esperançosa e orgulhosa daquela menina que escolheu ser rebelde e foi responsável pela mulher que sou hoje”.

Devir-futuro: “Sinto que podemos tudo, não temos limites e assim podemos ser felizes”.

Maria do Socorro: “Me sinto empoderada e muito potente e que tenho obrigação social em replicar as aprendizagens e/ou as desaprendizagens ressignificadas”.

Com base nas falas do grupo-pesquisador destacamos alguns conceitos-afetos de gênero:

“A dor da exclusão”, “discriminação que meu gênero sofre”, “você não pode brincar com este brinquedo”, “você não pode estar em determinados lugares”, todos os não”, “menina bonita e educada”, “educação machista, repressora e excludente”, “me faço morrer e nascer outro a cada dia” e “frases tristes que diminuíram minha potência”



Os trechos acima são pontos das falas tecidas pelo grupo-pesquisador, assim podemos observar os conceitos-afetos de gênero que atravessam e mobilizam cada co-pesquisadora e co-pesquisador em seus discursos, que são únicos, mas se cruzam e se interligam com os demais. Dessa forma, podemos perceber as misturas de conceitos em relação à categoria de análise gênero, como também as afetações do grupo-pesquisador perpassadas pelo seu gênero.

Conceitos-afetos de gênero: o que sabe/pensa o grupo-pesquisador na formação inicial do curso de pedagogia

O dispositivo mural-do-gênero foi pensado para (des)construir conceitos-afetos de gênero na formação inicial do Curso de Pedagogia, se não (des)construir talvez amenize a ausência desta discussão na formação inicial do grupo-pesquisador. Durante a produção dos dados utilizando o dispositivo, percebemos que o grupo-pesquisador perspectivava um fazer-docente com rupturas sobre práticas de exclusão, segregação, controle e regulação das corporeidades.

Concordamos com Louro (2018, p. 27), quando argumenta que “a vocação normalizadora da Educação se vê ameaçada”. Nesse sentido, quando buscamos (des)construir conceitos-afetos de gênero na formação inicial e, posteriormente, em sala de aula, significa desordenar a educação generificada que instituiu-se no chão das escolas.

A Sociopoética como método de pesquisa-ensino da inclusão, de fuga, de rupturas, do diálogo, da encruzilhada, do saber compartilhado, do saber escutar, possibilita “[...] ir além dos muros da escola, desbravando as fronteiras do desconhecido, reinventando conceitos que nos levem a outras formas de educar para a convivência escolar” (Santos, 2021, p. 92). Nessa ótica, educar pela via da fronteira ou da margem com a Sociopoética é criar um espaço educacional sem camisa-de-força.

Nessa panorâmica, o grupo-pesquisador apresenta marcas de uma educação vertical, da exclusão, da opressão, do certo e errado, do normal e anormal, do feminino e do masculino. Essa educação binária foi observada nas produções que se fixam no mural-do-gênero, onde cada co-pesquisadora e co-pesquisador expôs suas experiências e as limitações que eram impostas sobre seus corpos. Tendo essa educação da norma, elas(e) vislumbram em sua formação inicial experimentar um processo formativo do saber agir com a diferença e a diversidade.



Podemos notar essa construção de gênero na fala do bicho-psicodélico-multidimensional, quando perguntado como se sente no lugar mural-do-gênero:

Fala 1: *“Que preciso olhar para dentro de mim e me curar dos males que por muito tempo foram sendo introjetados em mim, principalmente, no que tange aos papéis atribuídos à mulher e ao homem na sociedade. E simplesmente entender que não há alturas nem profundidades entre nós. Somos seres em eterno aprendizado e, diante disso, é preciso mudar de pele, sempre!”*

É possível ver a partir do relato do bicho-psicodélico-multidimensional, que ele tem conhecimento do processo de regulação e controle sobre seu corpo, e as atribuições das normas que são atribuídas sobre si. Nesse processo de introjeção da dita normalidade aos corpos masculinos e femininos, como diz o bicho-psicodélico-multidimensional, podemos fazer um diálogo com Scott (1995, p. 75, grifos da autora), quando diz que “[...] o termo ‘gênero’ tornar-se uma forma de indicar ‘construções culturais’ - a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis sociais adequados aos homens e mulheres”. Essas indicações de papéis sociais são as introjeções colocadas pelo bicho-psicodélico-multidimensional.

Nessa linha de pensamento, o gênero está ligado diretamente aos aspectos sociais e culturais tornando-se uma prática de introjeção discursiva aos corpos, marcados pelo sexo biológico, isto é, pênis/masculinização e vagina/feminização. O ato de nomear um corpo entre masculino e feminino pode ser visto nas palavras de Louro (2018, p. 15, grifos da autora) como uma “[...] lógica que supõe o sexo como um ‘dado’ anterior à cultura e lhe atribui um caráter imutável, a-histórico e binário”. Assim, quando se supõe essa lógica heteronormativa instaura-se sobre este corpo um processo de masculinização ou de feminização antes mesmo do nascimento.

A partir dos apontamentos do bicho-psicodélico-multidimensional, podemos perceber que reconhecer as atribuições sociais sobre nossas corporeidades torna-se um processo de (des)aprendizagem de tais normas. Desse modo, é possível (des)construir conceitos-afetos na formação inicial, pois de acordo com Tardif (2002), os saberes e subjetividades dos(a) professores e professoras tornam-se mediadores no processo de escolarização do alunado, uma vez que se tem o saber instituído e o saber vivido. Ainda de acordo com Tardif (2002, p. 232):



[...] o professor é considerado o sujeito ativo de sua própria prática. Ele aborda sua prática e a organiza a partir de sua vivência, de sua história de vida, de sua afetividade e de seus valores. Seus saberes estão enraizados em sua história de vida e em sua experiência do ofício de professor. Portanto, eles não são somente representações cognitivas, mas possuem também dimensões afetivas, normativas e existenciais.

Dessa maneira, as experiências e vivências, contribuem para a futura prática docente destas(e) em formação inicial, que através do vivido no processo de escolarização visam o fazer-docente da diferença. Podemos observar ainda essa educação generificada na fala da co-pesquisadora Maria do Socorro, quando perguntado sobre a construção do mural-do-gênero, visto por ela em sua viagem imaginária.

Fala 2: *“Construída através de uma educação machista, repressora, excludente, em um local de não existência”.*

Os atravessamentos expostos pela co-pesquisadora refletem em sua formação inicial, pois ela vem de um processo educacional do certo e errado aos corpos. Sua trajetória educacional foi marcada pelo machismo, repressão, exclusão e lugar de não existência, bem como pontuado em sua fala. Quando pensamos no percurso formativo de Maria do Socorro, podemos pensar no seguinte currículo instituído nas palavras de Rios (2021, p. 09):

[...] currículos elaborados e executados pelas instituições de ensino são sistematizados a partir de uma concepção reprodutora e produtora de permanentes desigualdades, classificando por meio de modelos heteronormativos, sexista e machista, quem permanece e quem sai da escola. Essas práticas são pautadas em símbolos e códigos, que determina o que cada sujeito pode, ou não fazer.

Na perspectiva de uma (des)construção dos conceitos de gênero em sua formação inicial, a co-pesquisadora anseia um fazer-docente da diferença e da diversidade. E quando perguntada sobre o sentimento de poder fazer diferente, isto é, em (des)construir conceitos-afetos de gênero, Maria do Socorro, diz que:

Fala 3: *“Me sinto empoderada e muito potente e tenho a obrigação social em replicar as aprendizagens e/ou as desaprendizagens ressignificadas”.*

Para dialogar com Maria do Socorro, invocamos a importância de (des)construir conceitos de gênero na formação inicial, assim, nos colocamos a respeito com base no pensamento de Louro (2018, p. 48), a



partir de uma pedagogia *queer* “[...] tal pedagogia sugere o questionamento, a desnaturalização e a incerteza como estratégias férteis e criativas para pensar qualquer dimensão da existência”. Desta forma, uma (des)construção dos conceitos-afetos na formação inicial é uma prática de subversão, de rupturas sobre o já instituído com possibilidades de linhas de fuga, o dispositivo mural-do-gênero é uma metodologia sensível para se trabalhar a categoria de gênero em sala, além de envolver outros marcadores que atravessam o alunado e que não devem ser negligenciados.

Destarte, devemos desfazer as aprendizagens introjetadas sobre nossos corpos como destacou o bicho-psicodélico-multidimensional. É necessário a constante troca de pele. Para Miranda (2020), este processo é algo potente para pensarmos no novo. Nesse movimento de construção de novos saberes e (des)construção de outros saberes, potencializamos a fala da curica-que-voa-rasteja-achante-de-brechas, quando afirma que:

Fala 4: “Para mim é uma processualidade, vou percorrendo o caminho da desconstrução de desconstruir ideias, valores, atitudes. Faço-me morrer e nascer outra a cada dia, a cada descoberta, no aprender quem sou e com os outro (a)s, outres. E sinto vontade de partilhar dessa desconstrução no sentido de desconstruir outros corpos e para que vivam suas processualidades também, porque está vivo(a) não é apenas respirar”.

Nesse sentido, há um movimento processual entre (des) aprendizagens, sendo este processo de descoberta, como destacou a curica-que-voa-rasteja-achante-de-brechas. Nascimento (2014, p. 120) explica que, “ao estabelecer contato com o ‘diferente’, muitos sujeitos decidem aventurar-se em busca de novos caminhos [...]”. Assim, buscamos novos caminhos para fazer morrer aprendizagens introjetadas e fazer nascer saberes a serem partilhados no processo formativo e de vida.

É necessária uma formação inicial possibilitadora de linhas de fuga para (des)construir conceitos-afetos de gênero, pois não se deve fazer do espaço educativo um ambiente de opressão e regulação dos corpos. Sobre esse processo de regulação dos corpos na educação, apresentamos a fala da curica-que-voa-rasteja-achante-de-brechas, em relação ao lugar do mural-do-gênero:

Fala 5: “Percebo como lugar de opressão, foi como passar entre duas colunas de pessoas e ouvir vozes dizendo: Na infância: - Você não



pode brincar com esse brinquedo, porque é brinquedo de menino/essa cor não porque é de menino. Na adolescência/juventude e idade adulta: - Você não pode fazer isso ou aquilo, você não pode estar em determinados lugares, porque é coisa apenas de homem, ser interrompida em conversas por homens ou mesmo ser ignorada, silenciada. Mesmo assim fui, sou e continuarei a ser corpo de resistência até meu último suspiro”.

Aproximando-nos do pensamento da co-pesquisadora curica-que-voa-rasteja-achante-de-brechas, Cezar (2020) declara que o corpo é controlado desde o nascimento, utilizando diferentes dispositivos e tecnologias de controle, buscando encaixar dentro do padrão homogeneizador com o intuito de tornar este corpo útil e dócil. Arriscamo-nos a fazer uma relação entre o apresentado a partir de Cezar (2020), e o vivido pela curica-voa-rasteja-achante-de-brechas, pois ambas as falas tratam da regulação dos corpos e todo o processo regulador dele.

A partir do apontado, a diferença, a diversidade e a contextualização são elementos imprescindíveis na formação docente, pois quando trabalhados em sala de aula mostramos a preocupação pela cidadania e pela formação humana. Nessa linha de raciocínio, devemos pensar o currículo da formação inicial como “[...] rizomático, porque é território de proliferação de sentidos que mudam de natureza. Apesar de todos os poderes que fazem o controle em um currículo, tudo vaza e escapa” (Paraíso, 2021, p. 43).

Pensando no currículo como território de movimento de escape, também insistimos em pensar uma formação inicial dos deslocamentos de fronteiras, que opere rupturas e possibilite o movimento rumo ao diferente. Movimentar-se, além da fronteira, é também, pensar um lugar de relação, região de encontro, cruzamento e confrontação, ao mesmo tempo que é ser capaz de separar, também põe em contato culturas e grupos (Louro, 2018).

Dado o exposto, afirmamos que o grupo-pesquisador ansiava por uma prática docente da diferença e da diversidade. Em relação à categoria de análise gênero na formação inicial, o grupo-pesquisador tem conhecimento do lugar da categoria em sua formação inicial. Mesmo com as limitações na formação inicial no Curso de Pedagogia, o grupo-pesquisador almeja uma prática docente diferente, baseada na



Sociopoética, que subverta e quebre as amarras que as(o) mantêm presas(o) à colonização dos corpos.

(In)conclusões finais

Os objetivos pensados para essa pesquisa foram alcançados, assim foi possível analisar a (des)construção de conceitos-afetos de gênero na formação inicial de professoras e professores do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí - UFPI.

A pesquisa teve como tema-gerador: como ocorre a formação inicial de professores e professoras do Curso de Pedagogia de modo a (des)construir conceitos de gênero? Este tema foi potente e possibilitou deslocamentos conceituais que geraram outros modos de ver a categoria de análise gênero na formação inicial do Curso de Pedagogia.

A partir do dispositivo mural-do-gênero foi possível pensar o lugar do gênero na formação inicial no Curso de Pedagogia e trazer para a prática docente. Nesse sentido, com o dispositivo mural-do-gênero pensamos, criamos, (des)construímos subvertemos, aprendemos e desaprendemos conceitos postos sobre os corpos.

Acreditamos que a metodologia utilizada foi adequada e potente para o tecer deste trabalho, porque foi uma feitura em bando/coletiva. Assim, para futuras(o) professoras e professores, a pesquisa possibilitou outros modos de ser professora(o) que seja capaz de incluir, dar voz, vez e atravessar a fronteira do instituído. Este caminhar rumo ao outro foi possibilitado pela Sociopoética, método de pesquisa-ensino que afeta e mobiliza o grupo-pesquisador a ir ao encontro do diverso, sem regulação ou controle, sem certo e errado, sem normal e anormal, sem lícito e ilícito, ou seja, trabalhar pela via da Sociopoética é apenas viver e ir com ou sem destino fixo.

Concluimos sem fechar o caminho, deixando pegadas para outras(o) pesquisadoras(o) sobre a importância de continuidades desta pesquisa, para realização de outros trabalhos como este nos cursos de formação inicial não apenas no Curso de Pedagogia, mas de outras licenciaturas, pois é urgente a discussão de temas transversais, como este, na educação. Desse modo, afirmamos considerando os conceitos-afetos da pesquisa que a caminhada para além da fronteira será possível com intersecções de cada ser.



Referências

ADAD, Shara Jane Holanda Costa. A Sociopoética e os cinco princípios: a filosofia dos corpos misturados na pesquisa em educação. *In*: ADAD, et al. **Tudo que não inventamos é falso**: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com asociopoética. Fortaleza: EdUECE, 2014.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Jandaíra, 2020.

CEZAR, João Marcelo de Oliveira. O 'anormal' de Foucault e os 'corpos que (não) importam' de Butler: um debate a respeito das violências cometidas contra os sujeitos que estão fora das normas. *In*: XXV Encontro Estadual de História da ANPUH-SP, 2020, São Paulo. **Anais... Anais do XXV Encontro Estadual de História da ANPUH-SP, 2020**.

GAUTHIER, Jacques. **Sociopoética**: O livro do iniciante e do orientador. Mimeografado, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis - RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 3. rev. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

NASCIMENTO, Romário Ráwlysona Pereire do. As (des)construções discursivas sobre a educação do corpo e da sexualidade. *In*: BOMFIM, Maria do Carmo Alves; ADAD, Shara Jane Holanda Costa; NASCIMENTO, Adriana Loiola do. **Juventudes, cultura de paz e subjetividade**. Teresina: EDUFPI, 2014.

PARAÍSO, Marluce Alves. Fazer do caos uma estrela dançarina no currículo: invenção política com gênero e sexualidade em tempos do *slogan* "ideologia de gênero. *In*: PARAÍSO, Marluce Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades**, 2. ed. Belo Horizonte: Mazza, 2021.

PETIT, Sandra Haydée. Sociopoética: potencializando a dimensão poética da pesquisa. *In*: ADAD, Shara Jane Holanda Costa; PETIT, Sandra Haydée; SANTOS, Iraci dos; GAUTHIER, Jacques (Orgs.). **Tudo**



que não inventamos é falso: dispositivos para pesquisar, ensinar e aprender com a Sociopoética. Fortaleza: EDUECE, 2014.

RIOS, Pedro Paulo Souza. Relações de gênero, diversidades e práticas de currículo: reflexões necessárias nos processos de formação docente. **Anais...** do VIII Encontro de Pesquisa Educacional em Pernambuco... Campina Grande: Realize Editora, 2022.

SANTOS, Vanessa Nunes dos. Formação docente em Sociopoética como metodologia sensível e inovadora na convivência escolar. **Tese** (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Piauí, 2021.

SCOTT, Joan. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. 1995.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.



Conceptos-afectos de género en la formación inicial del curso de pedagogía

Resumen. El texto es un extracto de un Trabajo de Conclusión de Curso (TCC) de la Licenciatura en Pedagogía de la Universidad Federal de Piauí realizado en 2022 y aborda la categoría de análisis de género en la formación inicial. El objetivo del trabajo es presentar los conceptos-afectos de género generados por el grupo de investigación durante la producción de datos/significados, utilizando el dispositivo género-muro. El trabajo adopta como método la Sociopoética, lo que permite comprender la investigación como un acontecimiento poético (Petit, 2014). La fundamentación teórica se sustenta en los estudios de Gauthier (2010, 2015) y Adad (2014), en el campo metodológico, y de Louro (1997, 2018), Paraíso (2021) y Scott (1995), entre otros, en el alcance de los estudios de género. Como resultados emergen conceptos-afectos movilizados por el grupo de investigación, tales como: “el dolor de la exclusión”; “la discriminación que sufre mi género”; “no se puede jugar con este juguete”; y “chica educada”. El estudio concluye que es necesario que haya más investigaciones y discusiones en la academia sobre la categoría de análisis de género en la formación inicial y otras que se cruzan con ella para que la formación docente esté abierta a una formación más humana e inclusiva.

PALABRAS CLAVE: Género. Confectos. Formación Inicial.

Wanderson William Fidalgo de Sousa

Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Piauí pelo Programa de Pós-Graduação em Educação - (UFPI/PPGED), na linha de Pesquisa 3: Educação, Diversidade/Diferença e Inclusão. Graduado em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Cidadania (NEPEGECI/UFPI) e do Observatório das Juventudes e Violências na Escola (OBJUVE/UFPI). Pesquisador Associado a Associação Internacional de Pesquisa na Graduação em Pedagogia (AINPGP), Associação Nacional Rede de Pesquisadores e Pesquisadoras da Juventude Brasileira (REDEJUBRA) e Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as/es (ABPN). Tenho experiência na área de Educação, com interesse nos seguintes temas: Educação das Relações Étnico-Raciais, Educação e os Estudos de



Gênero e outros modos de educar a partir de processos de criação com/entre um grupo, tendo como método de pesquisa a Sociopoética.

E-mail: wandersonfidalgo33@gmail.com

Maria Dolores dos Santos Vieira

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (2004), graduação em Educação Religiosa pela Faculdade Assembleiana de Brasília (2001), Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Piauí (2014) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Piauí (2018). É sociopoeta. É professora adjunta da UFPI/DEFE, da Área de Fundamentos Psicológicos da Educação do Campus Ministro Petrônio Portela. É membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Cidadania- NEPEGECEI e do Observatório de Juventudes e Violências na Escola (OBJUVE) e Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Neurociências e Educação. Tem experiência na área de Educação, com ênfase nos seguintes temas: Cultura de Paz, Relações de gênero e Etnico-raciais, Formação de Professoras/es, Práticas Educativas, Diversidades, Diferença, Infância, Juventudes e Escuta Sensível.

E-mail: mariadolores@ufpi.edu.br

Recebido em: 20/05/2023

Aprovado em: 13/12/2024